

Evgeny Kissin



08 fev 23

Evgeny Kissin Piano

Johann Sebastian Bach

Fantasia Cromática e Fuga,
em Ré menor, BWV 903 c. 12 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Sonata para Piano n.º 9, em Ré maior, K. 311 c. 14 min.

1. *Allegro con spirito*
2. *Andante con espressione*
3. *Rondeau: Allegro*

Fryderyk Chopin

Scherzo n.º 2, em Si bemol menor, op. 31 c. 10 min.

INTERVALO

Sergei Rachmaninov

Lilases, op. 21 n.º 5 c. 03 min.

Prelúdio em Lá menor, op. 32 n.º 8 c. 02 min.

Prelúdio em Sol bemol maior, op. 23 n.º 10 c. 04 min.

Études-Tableaux, op. 39 (seleção) c. 25 min.

1. *Allegro agitato*
2. *Lento assai*
4. *Allegro assai*
5. *Appassionato*
9. *Allegro moderato*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Fantasia Cromática e Fuga, em Ré menor, BWV 903

COMPOSIÇÃO c. 1720

DURAÇÃO c. 12 min.

Johann Sebastian Bach foi um dos principais vultos da música barroca, tendo desenvolvido uma linguagem musical distintiva e extraordinariamente variada, a qual sintetizava os estilos e técnicas da sua geração e abria novas perspetivas em praticamente todos os géneros correntes no seu tempo. O seu percurso criativo foi pontuado por diferentes prioridades, de acordo com os compromissos profissionais que foi assumindo. A música para instrumentos de tecla ocupa uma posição central na sua produção: ao contrário do que sucedeu com a obra vocal, de câmara e orquestral, foi algo que o ocupou de forma constante ao longo da carreira, e a sua obra para cravo, em particular, permite-nos conhecer o seu desenvolvimento em cada fase criativa. A Fantasia Cromática e Fuga, em Ré menor, BWV 903, foi escrita provavelmente durante os anos de atividade em Cöthen (talvez em 1720, por ocasião da morte da sua primeira esposa, Maria Bárbara) e seria posteriormente revista, em Leipzig, por volta de 1730. A peça constitui um exemplo, raro em Bach, de exploração do estilo da fantasia livre: o *stylus*

phantasticus que o teórico Johann Mattheson descreveu, em 1739, como um modo de compor simultaneamente teatral e improvisatório. O epíteto “cromática” evoca tanto a extravagância da Fantasia como a índole do tema da Fuga que se segue. Concebida em três secções, a Fantasia é marcada por uma escrita intrépida e plena de inventividade. Inicia-se, como expectável, num estilo improvisatório, envolvendo escalas velozes, saltos e harpejos, o que conduz a uma passagem de acordes harpejados. Sob a indicação de *Recitativ*, surge uma melodia melancólica, pontuada como num recitativo por expressivos acordes, para depois retomar as figuras do início. Por sua vez, a Fuga a três vozes, também ela bastante desafiante, abre com a exposição de um tema longo, em que duas terceiras menores são preenchidas cromaticamente. Para o seu carácter propulsivo contribui grandemente o perfil rítmico do contratema. Esta fuga é amplamente elaborada, culminando na grandiosa aparição do tema sobre um pedal de dominante, antes dos majestosos acordes finais.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Sonata para Piano n.º 9, em Ré maior, K. 311

—

COMPOSIÇÃO 1777

DURAÇÃO c. 14 min.

Wolfgang Amadeus Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado classicismo vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal, produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica, no qual naturalmente sobressai a beleza melódica, a elegância formal, bem como a riqueza a nível harmónico e textural. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou. A insatisfação relativamente às limitadas oportunidades que a corte do Arcebispo Colloredo lhe oferecia em Salzburgo, levou-o a embarcar, no outono de 1777, num périplo pela Europa, na companhia da sua mãe, em busca de outras oportunidades profissionais. Foi durante a breve estadia em Mannheim – onde florescia uma sofisticada prática instrumental – que concluiu, em novembro desse ano, a Sonata para Piano K. 311, a qual seria publicada em Paris anos mais tarde, em 1782, juntamente com as Sonatas K. 309 e 310. Esta é uma obra que absorve alguns aspetos do estilo característico de Mannheim, o que é possível observar

numa escrita muitas vezes de inspiração orquestral, e em particular na exploração dos contrastes dinâmicos.

O primeiro andamento, de grande riqueza melódica, abre com uma ideia brilhante e afirmativa, que contrasta com um segundo tema mais delicado, em Lá maior, enunciado sobre um baixo de Alberti. O desenvolvimento, ritmicamente intenso, atravessa uma série de tonalidades remotas, dando lugar a uma recapitulação incomum na sua organização, que culmina numa breve coda. Segue-se um *Andantino con espressione*, em Sol maior, que coloca em alternância um primeiro tema elegante, de cariz vocal (que há de ressurgir ornamentado), e uma outra ideia lírica, um pouco mais expressiva. Por fim, o surpreendente *Rondeau: Allegro*, de novo em Ré maior, inicia-se com um tema animado e enérgico, sucedido por um primeiro episódio imaginativo em Lá maior. A ideia inicial regressa e conduz a um segundo episódio que culmina numa brevíssima cadência – como se de um concerto para piano e orquestra se tratasse – e o rondó encerra com a reafirmação do tema principal.

Fryderyk Chopin

(Żelazowa Wola, 1810 – Paris, 1849)

Scherzo n.º 2, em Si bemol menor, op. 31

—

COMPOSIÇÃO 1837

DURAÇÃO c. 10 min.

À imagem dos restantes três *Scherzos* de Fryderyk Chopin, o *Scherzo* n.º 2, em Si bemol menor, op. 31, distancia-se do modelo estereotipado da sonata clássica para se revestir de grande identidade estética e estilística. Foi composto em 1837, no seguimento do *Scherzo* n.º 1, em Si menor. Dedicado à aristocrata Adèle de Furstenberg, a obra explora os traços de escrita do *Scherzo* anteriormente escrito, maturando as linhas melódicas e fazendo apelo a uma tonalidade rara (com cinco bemóis na armação de clave), o que obriga o intérprete a recorrer constantemente àquelas que Chopin considerava serem as posições mais naturais para a mão humana – por sinal também as mais exigentes, do ponto de vista da técnica pianística.

Sergei Rachmaninov

(Semyonovo, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Lilases, op. 21 n.º 5

—

COMPOSIÇÃO 1902

DURAÇÃO c. 3 min.

Prelúdio em Lá menor, op. 32 n.º 8

—

COMPOSIÇÃO 1910

DURAÇÃO c. 2 min.

Prelúdio em Sol bemol maior, op. 23 n.º 10

—

COMPOSIÇÃO 1903

DURAÇÃO c. 4 min.

Études-Tableaux, op. 39 / 1, 2, 4, 5, 9

—

COMPOSIÇÃO 1916/17

DURAÇÃO c. 25 min.

Sergei Rachmaninov foi o último grande representante do Romantismo tardio russo, cultivando um estilo que se distingue pela eloquência do seu melodismo, bem como pela sua sumptuosidade harmónica. A sua produção forneceu um contributo notável para o repertório do piano, dada a audaciosa exploração das capacidades técnicas e expressivas do instrumento. Os 12 Romances op. 21, para voz e piano, foram compostos entre 1900 e 1902. O n.º 5, *Lilases*, é um *Allegretto* em Lá bemol maior, sobre versos de Ekaterina Beketova, em que o sujeito poético reflete sobre a busca da felicidade, envolvido pela natureza idílica de um amanhecer. No verão de 1913, o próprio compositor

realizou a transcrição para piano, enriquecendo a peça do ponto de vista estrutural e polifônico, mas sem colocar em causa a sua atmosfera intimista. O prelúdio para piano era bastante popular na música russa da viragem para o séc. XX, e também Rachmaninov abordou o género em diferentes momentos, distanciando-se, porém, do gosto aforístico de um Liadov ou de um Scriabin, em favor de uma abordagem mais expansiva. Constituindo um microcosmo exemplar dos traços gerais do seu estilo, os seus prelúdios exibem uma variedade extraordinária a vários níveis. Os 10 Prelúdios op. 23 foram compostos entre 1901 e 1903, ano em que foram publicados. O n.º 10, *Largo*, em Sol bemol maior, é uma elegia lírica e solene. O tema é enunciado pela mão esquerda, sob os acordes da mão direita, e após um momento mais cromático regressa num dueto com a voz mais aguda. Foi já em 1910 que o compositor decidiu completar o seu ciclo de 24 prelúdios em todas as tonalidades, escrevendo, entre agosto e setembro, os 13 Prelúdios op. 32, nas tonalidades ainda não abordadas nos anteriores op. 23 e op. 3 (n.º 2). A nova série foi publicada em Moscovo em 1911 e a sua estreia ocorreu num recital do autor em São Petersburgo, a 5 de dezembro. O n.º 8, *Vivo*, em Lá menor, consiste numa elaboração virtuosística e implacável em torno de um motivo curto e incisivo. Rachmaninov compôs a primeira série de *Études-Tableaux*, op. 33, em 1911, desse modo inaugurando uma designação que encapsula na perfeição a essência de uma música que concilia a abordagem virtuosística extrema com o carácter profundamente poético do material musical (são essas imagens emotivas abstratas

que constituem o *tableau*, e não uma explicação programática específica). Uma segunda série, op. 39, seria composta entre setembro de 1916 e fevereiro de 1917, numa fase em que a sua prática composicional atingira já o ponto de maior sofisticação. O n.º 1, *Allegro agitato*, em Dó menor, é propulsionado por figurações vertiginosas de tercinas, construindo dois poderosos pontos culminantes, e o n.º 2, *Lento assai*, em Lá menor, é um momento pesaroso e trágico que no seu acompanhamento ondulante inclui sugestões do *Dies irae*. Já o n.º 4, *Allegro assai*, em Si menor, com toda a sua energia rítmica, é uma elaboração expressiva e dramática em torno da tipologia da *gavotte*, enquanto o n.º 5, *Appassionato*, em Mi bemol menor, apresenta uma poderosa ideia melancólica e desesperada que retorna num clímax lancinante. Por fim, o n.º 9, *Allegro moderato*, em Ré maior, epiloga este op. 39 evocando festivamente material ouvido em estudos anteriores.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS
E RUI CABRAL LOPES (CHOPIN)

Evgeny Kissin

Evgeny Kissin nasceu em Moscovo em 1971. Aos seis anos de idade ingressou na Escola de Música Gnnessin, onde estudou com Anna Pavlovna Kantor, sua única professora. Aos onze anos estreou-se em público, em Moscovo. Em 1984 despertou a atenção internacional quando interpretou os dois Concertos para Piano de Chopin, com a Filarmónica de Moscovo e o maestro Dimitri Kitaenko, no Conservatório de Moscovo, concerto gravado ao vivo pela Melodia.

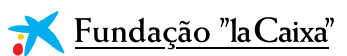
A sua primeira apresentação fora da Rússia teve lugar em 1985. Apresentou-se no Japão no ano seguinte e, em 1987, estreou-se no Festival de Berlim. Em 1988 realizou uma digressão europeia com os Virtuós de Moscovo e Vladimir Spivakov, estreou-se em Londres, com a Sinfónica de Londres e Valery Gergiev, e tocou com a Filarmónica de Berlim, sob a direção de Herbert von Karajan. Em 1990 estreou-se nos *BBC Proms* e apresentou-se pela primeira vez nos E.U.A, com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e Zubin Mehta. Ao longo dos anos, estabeleceu uma forte relação artística e pessoal com a Fundação Gulbenkian, tendo atuado diversas vezes com a Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório e em digressão.

A temporada 2022-23 inclui concertos em Lyon, Monte Carlo, Paris, Hamburgo,

Frankfurt, Bolonha, Varsóvia, Viena e Londres, bem como recitais em Munique, Telavive, Chicago, Boston, Toronto, Nova Iorque, Bruxelas, Haia, Orange, Lisboa, Madrid, Barcelona, Roma e Verbier. Estão previstas colaborações com a Filarmónica de Viena e Jakub Hrůša, com a Sinfónica de Londres e Sir Simon Rattle e atuações com Renée Fleming.

Evgeny Kissin foi distinguido com numerosos prémios musicais: Prémio de Cristal do Auditório de Osaka (1987), “Músico do Ano” da Academia de Música Chigiana di Siena (1991), “Jovem Músico do Ano” para a *Musical America* (1995), Prémio Triumph (Rússia, 1997), entre outros. Foi o primeiro pianista a dar um recital nos *BBC Proms* (1997) e, em 2000, o primeiro pianista convidado a tocar no concerto de abertura dos *BBC Proms*. Foram-lhe atribuídos doutoramentos honorários pela Escola de Música de Manhattan, pela Universidade de Hong-Kong, pela Universidade Hebraica de Jerusalém e pela Universidade Ben-Gurión de Beer Sheba. Recebeu o Prémio Chostakovitch em 2003 e, em 2005, foi nomeado Membro Honorário da Royal Academy of Music, em Londres. As suas gravações foram premiadas com os principais galardões internacionais.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



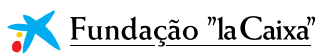
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Fevereiro 2023

